



03

tríade
comunicação, cultura e mídia

artigos

Amazônia e o poder simbólico das ONGs transnacionais: análise dos sentidos discursivos nos textos institucionais do Greenpeace e WWF

Jonas da Silva Gomes Júnior

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). Manaus, AM, Brasil. Contato com o autor: jonasjr@ufam.edu.br.

Resumo: Este trabalho analisa diferentes aspectos do poder simbólico nos discursos das ONGs Greenpeace e WWF sobre a Amazônia. Utilizou-se a Análise do Discurso da linha francesa como eixo teórico-metodológico, sendo empregada para examinar o movimento interno dos textos, não-ditos, questões ideológicas, saliências ou apagamentos, reveladores dos posicionamentos dos sujeitos enunciadores. Durante o processo de análise discursiva de cinco textos diferentes, notou-se que os sentidos de Amazônia efetivam-se por meio de diversas formas de poder simbólico. Os resultados da pesquisa apontam que as ONGs Transnacionais Ambientalistas Greenpeace e WWF, utilizando-se de vários recursos discursivos, buscam demonstrar seu poder simbólico e produzir imagens da Amazônia de acordo com as suas perspectivas de mundo e impor a aceitação globalizada dessa imagem como realidade.

Palavras-chave: Imaginário. Poder Simbólico. Amazônia. Discurso. ONGs Transnacionais.

Abstract: This paper analyzes different aspects of the symbolic power in the discourses of the NGOs Greenpeace and WWF on the Amazon. The Discourse Analysis of the French line was used as a theoretical-methodological axis, being used to examine the internal movement of texts, non-sayings, ideological questions, saliencies or deletions, revealing the positioning of the enunciating subjects. During the process of discursive analysis of five different texts, it was noticed that the senses of Amazonia are effected through various forms of symbolic power. The research results point out that the Transnational Environmental NGOs Greenpeace and WWF, using various discursive resources, seek to demonstrate their symbolic power and produce images from the Amazon according to their world perspectives and impose the globalized acceptance of this image as a reality.

Keywords: Imaginary. Symbolic power. Amazon. Speech. Transnational NGOs.

1. Introdução

A Amazônia é um dos maiores, diversos, complexos e ricos domínios do mundo. Devido à sua continentalidade, a Amazônia tem importância e grandiosidade universal, pois ela representa “um vigésimo da superfície terrestre, um quinto das disponibilidades mundiais de água doce; um terço das florestas latifoliadas, um décimo da biota universal, três quintos do território brasileiro [...]” (BENCHIMOL, 2002, p.11).

A referida região é um dos espaços mais cobiçados do mundo¹ pela sua floresta, riqueza hídrica e biodiversidade, sendo considerada área de especial interesse no debate global. As razões do interesse passam por diferentes valores, desde a inocente curiosidade de conhecer o bioma mais diversificado até interesses geopolíticos balizados por estratégias macroeconômicas. A Amazônia é, sem dúvida, um dos principais focos de atração da contemporaneidade.

O equilíbrio ecológico mundial é um dos motivos que “legitimam” o interesse de organismos internacionais no seu desenvolvimento sustentável e sua proteção. Freitas (2006, p. 72) corrobora ao afirmar que “definitivamente a questão ambiental em forma ampla passou a modular o processo de globalização econômica que movimenta o esquema filosófico hegemônico, fortalecendo a inserção planetária da Amazônia, principal referência ecológica mundial”.

Essas características geográficas atreladas às constantes descobertas científicas sobre o potencial da Amazônia possibilitam um exponencial aumento do interesse internacional. Nesse contexto, diversas entidades ambientalistas Transnacionais, tais como Greenpeace e WWF, estão atuando no bioma amazônico e tem se utilizado dos recursos comunicacionais para legitimar a atuação na região, disseminar estratégias e ações ambientais, divulgar opiniões, interagir com outros organismos sociais e, por fim, agregar mais adeptos às causas que defendem.

Nota-se que o discurso ambiental das ONGs Transnacionais é marcado por complexas formas de sensibilização dos seus públicos de interesse e diversificadas construções discursivas. Este artigo apresenta alguns resultados de um estudo sobre o poder simbólico nos processos de significação e as práticas discursivas das ONGs Transnacionais ligadas ao movimento ambientalista na Amazônia. Têm-se como objeto analítico cinco textos originados de conteúdos dos sites institucionais utilizados pelas ONGs Transnacionais para abordar sobre “Amazônia”² no período entre 2010 e 2016.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa e destacar os elementos sobre poder simbólico, apresenta-se brevemente a discussão teórica sobre o “lugar” que a Sociedade Civil

1 De acordo com Becker (2005a), existem três grandes “eldorados naturais” no mundo contemporâneo: a Antártida, os fundos marinhos e a Amazônia. “A Antártida, que é um espaço dividido entre as grandes potências; os fundos marinhos, riquíssimos em minerais e vegetais, que são espaços não regulamentados juridicamente; e a Amazônia, região que está sob a soberania de estados nacionais, entre eles o Brasil” (BECKER, 2005a, p. 77)

2 Neste trabalho, o termo Amazônia refere-se a uma compreensão aberta. Estamos trabalhando com uma concepção que não se limita a Floresta Amazônica, mas carrega todos os sentidos que a palavra “Amazônia” traz. O discurso das ONGs, apesar de significar, em muitos casos, a Floresta, acaba por induzir uma percepção sobre a região como um todo. A demarcação aqui estabelecida amplia as possibilidades interpretativas da análise discursiva e está alinhada com a finalidade deste trabalho.

Transnacional ocupa na região, destacando a heterogeneidade do movimento ambientalista na Amazônia. Além disso, destacam-se aspectos fundamentais sobre o Poder Simbólico.

2. Amazônia e diversidade da Sociedade Civil Transnacional Ambientalista

Ao abordar sobre a intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia, Bentes (2005) destaca que no início dos anos de 1980 houve uma politização internacional dos problemas ambientais da Amazônia, de tal forma que a região passou a despertar não apenas os interesses econômicos dos países estrangeiros, mas também seu desejo de adquirir mais um privilégio: o controle político sobre o verde.

A Amazônia, no decorrer dos anos 90, se tornou o primeiro objeto da intervenção direta do ambientalismo internacional por meio de ações e políticas ambientalistas de instituições. As ONGs Transnacionais, com seus representantes institucionais, cumprem esse papel político, influenciando a constituição de políticas públicas, divulgando resultados científicos, fazendo campanhas ambientais e influenciando os líderes de opinião pública. Dessa forma,

Grandes Ongs conservacionistas européias e americanas moldam o pensar, fazem lobby em Brasília, atuam diretamente em vários processos decisórios internos de importantes instituições federais de pesquisa na Amazônia e exercem funções de Estado na elaboração e execução de projetos (BENTES, 2005, p. 237).

A natureza do movimento ambientalista internacional, incluindo as ONGs Transnacionais, demonstra que existe uma clara intencionalidade de envolvimento político. Algumas vezes a questão ambiental fica em plano secundário, visto que são mais importantes as ações voltadas para influir nas decisões dos agentes econômicos, visando à consecução de determinados objetivos. A atuação de ONGs na Amazônia têm se destacado de modo particular na busca pela implementação de políticas. Questiona-se a atuação dessas entidades na Amazônia pela falta de gerência governamental. Conforme destaca Fonseca (2011, p. 140), “o problema é que o governo central não adota nenhum procedimento de triagem e fiscalização para subtrair aquelas que, nos mesmos moldes do início da colonização, vivem de vender cenários idealizados para financiadores além-fronteiras e além-mar”.

Assim como outros organismos, Silva (2013, p. 183) destaca que as ONGs “são forças atuantes que aceleram [...] as propostas do ambientalismo mundial sob formas de interferências locais, além dos marcos nacionais”. As parcerias com os governos, entidades empresariais, representações sociais, agências e burocratas são um importante exemplo do que estamos tratando. Essas parcerias são objeto de grande interesse por parte das ONGs, uma vez que quando consolidadas abrem caminhos facilitadores para projetos que se afirmam integradores e incursões sociais e ambientais.

De acordo com Becker (2005b, p. 233), “na Amazônia, as ONGs estão presentes em todas as formas de restrições e pressões assinaladas. Na maioria das vezes, trabalham em conjunto com outros atores sociais, particularmente as organizações religiosas”. A autora sinaliza que

as ONGs possuem grande autonomia e operam diretamente com a população local, exercendo intensa influência política. No entanto, destaca, “a maior parte delas não costuma divulgar informações sobre seus parceiros e sobre a origem dos recursos que recebem” (BECKER, 2005b, p. 234).

No cenário do movimento ambientalista amazônico, existe uma série de conexões, redes e relações políticas, econômicas e sociais que se constroem com finalidades díspares. Em outras palavras, “a região amazônica é mais do que nunca o objeto de um jogo de poder entre Estados-Nações, organizações internacionais/regionais e governos locais (estados e municípios)” (BUCLET, 2010, p. 42).

A presença da sociedade civil organizada transnacional é constituída por vários tipos de organizações, demonstrando uma ampla heterogeneidade. Nesse sentido, Inui (2005) estabeleceu grupos de acordo com suas atividades prioritárias: 1- Organizações que trabalham na conservação da biodiversidade; 2- Agências de Cooperação Internacional (político, econômico e Social); 3- Fundações investidoras internacionais.

A presença das ONGs na região é marcada por contradições e conflitos, sendo muitas vezes questionáveis os interesses políticos, sociais e econômicos derivados de suas ações. Ressaltam-se ainda as críticas de que a atuação global dessas organizações não-estatais “exibem independência de fachada porque expressivo número delas sustenta-se por doações de países com bandeiras ideologicamente a elas identificadas” (PROCÓPIO, 2007, p. 7). Dessa forma, constroem espaço de participação nas decisões globais, contribuindo para internacionalização do meio ambiente.

As ações das grandes ONGs ambientalistas transnacionais indicam que têm grande influência sobre políticas ambientais de instituições governamentais, mesmo em países como o Brasil que tem estruturas conservacionistas sólidas (DIEGUES, 2008). Essa influência pode ser constatada por meio de sua capacidade de arrecadação internacional de recursos financeiros para a conservação, grandes campanhas de mídia; influências na determinação de áreas críticas de conservação.

A abordagem de Diegues (2008) nos permite compreender o campo de atuação destas grandes ONGs internacionais, as quais agem glocalmente³ em diversos países, servindo aos grandes objetivos da política traçada pelos organismos internacionais que as elegeram como executoras de suas estratégias para a biodiversidade⁴. As grandes ONGs transnacionais influenciam não somente as instituições governamentais, mas também as ONGs locais, às quais transferem alguns recursos financeiros desde que estas trabalhem de acordo com os modelos

3 Um dos primeiros a explicitar o conceito foi o sociólogo Roland Robertson. Segundo ele, “a noção de ‘glocalização’ permite introduzir na globalização uma realidade multidimensional e, ademais, a junção entre global e local impede que o termo ‘local’ defina exclusivamente certa ideia de identidade, cômoda diante do caos da modernidade” (COSTA JUNIOR, 2016, p. 176).

4 Pontes Filho (2016) discute a ocorrência da logospirataria na Amazônia Legal brasileira e seus predatórios impactos na região. O autor amplia a noção de biopirataria ou pirataria, afirmando que a logospirataria representa a violação de conjunto de bens e direitos, inclusive ofende direitos trabalhistas, direitos de compensação de sociedades nativas, de populações tradicionais e da sociedade nacional.

apresentados pelas primeiras (DIEGUES, 2008).

Além das ações de ativismo, a atuação das ONGs Transnacionais é marcada por articulações políticas locais e globais, muitas vezes em benefício da comunidade internacional e dos países ricos que financiam suas atividades. A preservação da natureza ou os direitos das populações tradicionais estão em alguns casos em plano secundário. Nesse contexto, Procópio (2007) destaca que existe uma facilidade na qual os membros da ONGs se movem no cenário político e econômico, tornando-se elementos motrizes nos canais de negociação.

3. Características do poder simbólico

Para subsidiar a compreensão das análises das manifestações simbólicas do poder nos textos institucionais do Greenpeace e WWF, vale destacar algumas concepções apresentadas por Bourdieu (1989, p. 09) sobre o poder simbólico: “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo e em particular do mundo social”.

O poder simbólico, dessa forma, é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer um sentido imediato do mundo, uma concepção temporal-espacial que gera uma concordância social (BOURDIEU, 1989). Ao contrário de outras configurações de poder, a efetividade do poder simbólico advém da subordinação objetiva e consciente daqueles que o reconhecem como verdadeiro e legítimo (BOURDIEU, 2007).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Nesse sentido, o poder serve para a constituição da percepção de realidades que visam estabelecer um sentido único para o mundo, gerando, certa homogeneidade e possibilitando a “harmonização” das relações. O poder simbólico não corresponde a uma realidade sensível e sua presença pressupõe a existência de uma condescendência entre aqueles que o desempenham e os que a ele se submetem. Conforme Bourdieu (1989, p. 7), “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Bourdieu (2007) revela a importância de elucidar as formas implícitas de dominação de classes nas sociedades capitalistas, defende a existência do poder simbólico, mediante o qual, as classes dominantes são favorecidas por um capital simbólico que lhes possibilita exercer o poder. Para ele, esses símbolos são mecanismos da integração social e tornam possível se obter o consenso acerca do sentido do mundo o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante.

Transmitido por discursividades, o poder simbólico atua nas estruturas sociais de modo

a erguer – por meio da propagação repetitiva – realidades e o sentido imediato do mundo por meio dos símbolos, que são os instrumentos de coesão social. Dessa forma, entende-se que as relações comunicacionais são, de modo intrínseco, sempre relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos atores sociais.

Partindo do ponto de vista do processo midiático, Thompson (1998) aborda sobre as relações simbólicas da sociedade. O pesquisador reforça a concepção de Bourdieu (1989) e traduz o poder simbólico como a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24).

Ressalta ainda que, aqueles que ambicionam conquistar poder, ou exercê-lo de maneira durável e efetiva, precisam utilizar o poder simbólico a fim de desenvolver e amparar a crença na legitimidade.

Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva (THOMPSON, 1998, p. 24).

Bourdieu (1989) e Thompson (1998) asseveram que as produções simbólicas são instrumentos que potencializam a dominação de uma classe já possuidora de poder político e social. O poder simbólico, segundo Bourdieu (1989), legitima-se e releva-se por meio de sistemas simbólicos, a língua, a arte, a religião. Outro meio pelo qual o poder simbólico funciona está nos símbolos, que são, para o sociólogo, instrumentos de integração social.

É a partir dos símbolos que uma determinada comunidade linguística, artística, religiosa, entra em consenso acerca dos sentidos e representações que circulam neste meio e que contribuem para a reafirmação e reprodução de paradigmas, de ideias e de uma ordem social (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Os sistemas simbólicos diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. E a autonomia de determinado campo constitui-se na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos se desenvolve. O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação só se exerce se for reconhecido (BOURDIEU, 1989). E deste modo, o poder simbólico é uma forma transformada e legitimada de outras formas de poder (econômico, político e coercitivo).

Desta forma, os símbolos são parte do modo como representamos a realidade e o mundo, o meio pelo qual uma cultura e seus valores se expressam e se reafirmam através dos sistemas simbólicos. Bourdieu (1989) explica que os sistemas simbólicos são responsáveis por produções simbólicas, que funcionam como instrumentos de dominação.

É imprescindível revelar o poder simbólico onde ele menos se deixa ressaltar, justamente onde ele é mais completamente camuflado, logo onde pode vir a ser igualmente reconhecido. Destarte, o poder simbólico expressa e ao mesmo tempo aponta os mecanismos de poder e

dominação que se disseminam de modo invisível na dimensão simbólica da vida, por meio dos discursos e da comunicação de modo geral. Reforça, por conseguinte, o poder das palavras enquanto potência no âmbito da vida de inventar performatividades.

4. Discurso, análise e procedimentos da pesquisa

O vocábulo discurso, etimologicamente, se origina na ideia de curso, de percurso, de movimento, de dinamismo. Assim, o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: “O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história” (ORLANDI, 2009, p. 71).

A proposta da Análise do Discurso Francesa (ADF) é a construção de um dispositivo de interpretação que coloque em evidência o que é dito em relação ao que não é dito, o que é dito de outra forma ou em outro lugar (ORLANDI, 2009). Não há nela uma procura de uma verdade ou de uma avaliação valorativa, mas uma busca por evidenciar o mecanismo por trás do funcionamento dos discursos. As palavras são (res) significadas a partir do contexto em que são expressas.

A ADF busca, assim, interpretar os diferentes sentidos de um discurso e as formas de produção do mesmo, trabalhando com os sentidos e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas interpretado. É preciso esclarecer, contudo, que a ADF não é apenas uma metodologia, mas sim uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise.

Assim, os discursos possuem um suporte histórico e institucional, que permitem ou proíbem sua realização. Um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, faz uso dos enunciados de determinado campo discursivo segundo os interesses de cada trama momentânea. Esta prática discursiva se define como um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

As relações de poder constituem uma série de mecanismos invisíveis que tornam os sujeitos assujeitados a múltiplos cerceamentos. Segundo Foucault (1999), toda sociedade controla e seleciona o que pode ser dito numa certa época, quem pode dizer e em que circunstâncias, como meio de filtrar ou afastar os perigos e possíveis subversões que daí possam advir. Os discursos são entendidos como práticas geradoras de significados que se apoiam em regras históricas para estabelecer o que pode ser dito, num certo campo discursivo e num dado contexto histórico.

Essa prática discursiva possível resulta de um complexo de relações com outras práticas discursivas e sociais. O discurso, portanto, relaciona-se simultaneamente com suas regras de

formação, com outros discursos e com as instituições sociais e o poder que elas expressam. Todo discurso contém procedimentos de seleção e exclusão que estabelecem os limites do permitido e do proibido, do que é aceito e rejeitado, do que é considerado verdadeiro ou falso numa certa configuração histórico-cultural.

Para Foucault (2008), portanto, não há discurso neutro ou desinteressado. Para ele, toda linguagem e todo discurso expressa uma vontade de poder e de dominação. Para realizar esta aspiração de conquista, o poder investido nos discursos se associa ao saber, em especial àquele saber socialmente reconhecido como “verdadeiro”. Importante frisar aqui a definição de poder. Segundo Foucault (1999, p. 175), “o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação. O poder não é manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo é uma relação de força”.

Neste artigo, deseja-se fazer uso da contribuição de Foucault (1998, 1999 e 2008) que é: todo discurso expressa uma vontade de poder que aspira e luta para ser reconhecido como “a verdade” sobre um determinado campo em um certo contexto histórico. Esta verdade favorece a legitimação social do discurso quando multiplica seus efeitos de poder e mascara a intenção de domínio nele contida.

Do ponto de vista analítico, para analisar o poder simbólico no discurso das ONGs Transnacionais utilizamo-nos da Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX 1995, 1990; ORLANDI, 1994, 2009; SOUZA, 2006, 2014). Tal escolha se dá exatamente pelo fato dessa disciplina estudar a relação da linguagem com as questões sociais, a partir dos conflitos ideológicos e poder. Ademais, com a ADF é possível um olhar perspicaz sobre as marcas textuais e o acesso às filiações ideológicas das ONGs Transnacionais, possibilitando perceber as contradições, equívocos discursivos, evidenciar os funcionamentos e estratégias discursivas, além de explicitar os processos de significação.

O corpus analisado está situado temporalmente entre 2010-2016 e é composto por fragmentos de conteúdo dos sites institucionais que abordam sobre a Amazônia. Na linguagem das ONGs Transnacionais existem traços e vestígios do lugar de significação amazônico, portanto, do discurso de quem enuncia. São essas marcas que explicitaremos a fim de que possamos, por meio de sua evidência, descrever as propriedades do discurso que as sustentam. A escolha dos exemplos se deu em termos como ponto de indagação a compreensão ilustrativa do sentido de sustentabilidade amazônica adotado pelas ONGs Transnacionais.

Nossa intenção é interpretar o discurso das ONGs Transnacionais Ambientalistas nas suas ações de ativismo social e utilização de recursos midiáticos. Com isso, temos a finalidade de compreender como o sistema simbólico demonstra nuances do poder. Não pretendemos nos ater nos conteúdos, objetivamos sim trabalhar os limites dos processos de significação e os mecanismos ideológicos utilizados pelas ONGs Transnacionais.

A análise do discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus,

delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise (ORLANDI, 2009, p. 66).

Busca-se, assim, compreender como o sistema simbólico das Transnacionais produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Queremos explicitar esses processos de significação presentes nos textos e descobrir os sentidos possíveis, compreendendo como eles se constituem. A seguir apresentam-se os principais resultados da análise discursiva realizada, destacando os sentidos discursivos, descrevendo suas peculiaridades, esmiuçando algumas implicações na construção de imaginários sobre a Amazônia.

5 O poder simbólico no discurso das ONGs Transnacionais

O lugar de fala das ONGs Transnacionais foi construído por meio dos recursos midiáticos e ações ativistas, assim, elas se utilizam desses espaços para demonstrar que tem conhecimentos sobre a questão ambiental. Construíram um lugar de fala global de autoridade ambiental por meio do conhecimento científico, poder político e poder simbólico. Segundo Bourdieu (1989), os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante (conhecer o mundo), na medida em que são também estruturados.

No que diz respeito à questão ambiental na Amazônia, o Greenpeace e WWF podem ser considerados “elites simbólicas”, pois “possuem relativo poder para tomar decisões sobre os gêneros de discurso dentro de seu domínio de poder e determinar tópicos, estilo ou forma de representação de um discurso” (DIJK, 2015, p. 45). Esse poder simbólico é reforçado pela capacidade dessas organizações em projetar imagens positivas de si, seja nas ações ativistas ou nas plataformas midiáticas, persuadindo, propagando ideias, enfim, lançando “luzes” sobre seus elementos identitários.

Em comparação com outras entidades ambientalistas, essas ONGs possuem um poder de influência midiática elevado⁵, sendo, inclusive, citadas por veículos noticiosos nacionais e internacionais como referência em pesquisas realizadas sobre a Amazônia. Elas divulgam notícias e relatórios sobre os mais diversos aspectos da região, emitindo pareceres sobre a situação presente e futura. Elas são uma das principais “fabricantes” do conhecimento ambiental sobre a Amazônia.

Por meio da análise da superfície discursiva, constatou-se que as ONGs Transnacionais Ambientalistas exercem uma notória influência discursiva sobre a sustentabilidade amazônica exercida por meio das argumentações contidas nos sites institucionais, mídias sociais, vídeos e relatórios. O poder simbólico delas é considerável, ainda que exercido dentro de limitações de espaço e tempo.

⁵ Para se ter uma ideia do potencial midiático das ONGs, o número de seguidores no Facebook, em janeiro de 2017, no perfil do WWF-Brasil (www.facebook.com/WWFBrasil/) era de 444.370 usuários, já o Greenpeace (www.facebook.com/GreenpeaceBrasil) possuía mais de 3 milhões de internautas.

Exercem, assim, o poder com base no capital simbólico (BOURDIEU, 1989), porque detêm o poder social que é produzido de forma interativa, com base em projeção midiática e composição de redes ambientais. Ao analisar discursivamente as ONGs Greenpeace e WWF, é possível notar distintas marcas textuais que caracterizam diferentes espectros do poder nas argumentações, além do poder simbólico.

O jogo de poder simbólico está na projeção de uma imagem de domínio situacional sobre a questão ambiental, sendo um componente importante do exercício e da manutenção do poder o conhecimento sobre a região. Nesse sentido, é exemplar a fala da secretária geral do WWF no Brasil, pois se demonstra que a referida ONG tem um capital intelectual acumulado sobre as problemáticas que envolvem a sustentabilidade amazônica.

“O Dia da Amazônia é um dia de celebração”, ressalta a secretária geral do WWF-Brasil, Maria Cecília Wey de Brito. “**Nós temos conhecimento sobre os problemas e desafios do bioma**, mas muito mais sobre as **ferramentas que precisamos para vencê-los** e quais os resultados que devemos atingir. Nosso trabalho tem se pautado na proposição de uma agenda positiva para o **desenvolvimento sustentável** do bioma”, avalia (WWF, Site Institucional, 201-, grifos nossos).⁶

No caso específico do texto em análise, na superfície do discurso, o WWF evidencia a existência de uma rede de relações de poder que envolve a influência sobre as políticas públicas de meio ambiente e sustentabilidade. Equiparando-se aos órgãos governamentais, a ONG evidencia a dimensão política e o potencial intervencionista na região amazônica.

O discurso ultrapassa, assim, o sentido ambiental e caracteriza a busca pela legitimidade política na região amazônica. Pelo que se nota, a ONG representa, no campo de força política, um agente que detém um poder representativo nesse campo de disputas. Caso contrário, sem as articulações políticas com diferentes atores sociais, não seria possível propor uma “agenda positiva para o desenvolvimento sustentável do bioma”, como sugere a secretaria geral da WWF no Brasil. Abaixo outros exemplos que ilustram o potencial poder das Transnacionais Ambientais:

Hoje, na Amazônia, a pecuária é responsável por 80% do desmatamento. **O Greenpeace investiga e denuncia** quem faz parte dessa cadeia de produção de carne. Os consumidores já deram seu recado, não querem produtos originários de desmatamento. Junte-se ao Greenpeace e **seja também você parte da solução**. Acesse nosso site (GREENPEACE, 2010, s/p, grifos nossos).⁷

O Greenpeace está presente na Amazônia desde 1999, e de lá para cá foram muitas vitórias. Em 2003 **conseguimos barrar o comércio de mogno**, incluindo esse tipo de madeira na lista internacional de espécies ameaçadas. Em 2004 **auxiliamos o povo Deni no processo de auto demarcação de suas terras**, o que impediu que a madeireira malaia WTK explorasse 151 mil hectares de florestas onde viviam os indígenas, e na criação de unidades conservação na terra do meio no Pará (GREENPEACE, Site Institucional, 2015, s/p, grifos nossos).⁸

6 Disponível em: <https://www.wwf.org.br/diadaamazonia>. Texto “5 de setembro: Dia da Amazônia”. Data de acesso: 2 de maio de 2016.

7 Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Participe/Divulgue/Midia-Imprensa/>. Anúncio publicitário da Campanha Desmatamento Zero, Cortes de Carne. Data de acesso: 10 de maio de 2016.

8 Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Amazonia-sua-linda/>. Texto “Amazônia,

Nesses trechos, fica subentendido o poder intervencionista da ONG e a possibilidade de auxiliar em diversos tipos de investigações, incluindo-se as criminais. Essa questão amplia em muitos aspectos a dimensão de poder, se considerássemos mais detidamente as posições políticas em torno da compreensão de Amazônia, posto que as atuações dessas organizações possuem relações institucionais mais estreitas, quer se trate do âmbito governamental, quer se trate do âmbito de empresas privadas e de outros interesses.

Nota-se que o poder simbólico das ONGs Transnacionais é derivado de outros tipos de poder, tais como o poder político, econômico-financeiro e midiático. As ONGs são naturalmente midiáticas e por isso detêm uma inserção nos meios de comunicação social muito grande. As redes de relacionamentos políticos das ONGs são enormes e, por isso, estão atreladas a todos os setores. Por conseguinte, obtêm recursos financeiros externos com bastante facilidade, caracterizando seu empoderamento.

O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia? **O WWF-Brasil trabalha na região amazônica junto com autoridades governamentais**, comunidades locais e indígenas, organizações não governamentais e o setor privado para proteger grandes porções da Amazônia e sua biodiversidade única, assim como seus serviços e funções ecológicas singulares (WWF, Site Institucional, 201-, s/p).⁹

O poder das ONGs se concentra no poder simbólico que se traduz em formas de dominação, as quais resultam na criação de uma imagem de herói ou guardião da floresta amazônica. Esse poder simbólico se traduz em influência política, capital intelectual e relacionamentos estratégicos. Enquanto “elite simbólica”, as ONGs Transnacionais reproduzem os ideais de sustentabilidade amazônica, produzindo um aparato ideológico que permite a manutenção de um poder simbólico e informacional.

O poder das ONGs não aparece apenas na dimensão simbólica, mas é relevante a força política demonstrada nos discursos. O poder intervencionista das ONGs é expresso diretamente por meio do desenvolvimento de diagnósticos situacionais, elaboração de planos, projetos e programas de intervenção ecológica e realização de assessoramentos e recomendações de políticas de desenvolvimento sustentável para a região. Essa influência pode ser percebida nas formas de reprodução do discurso, especificamente nos registros de atividades dos relatórios:

Nos últimos 50 anos, a floresta perdeu 17% de sua cobertura. O WWF foi **uma das primeiras organizações a desenvolver uma visão de conservação** e desenvolvimento sustentável para o bioma Amazônia como um todo, reconhecendo pressões e oportunidades em nível nacional e nas fronteiras (WWF, Relatório Anual, 2014, s/p, grifos nossos).¹⁰

Esse poder não se limita à articulação em si, mas ao modo de influência: eles podem

sua linda!”. Data de acesso: 10 de maio de 2016.

9 Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/nossas_solucoes_na_amazonia/. Texto “O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia?”. Data de acesso: 13 de junho de 2016.

10 Disponível em: <https://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/relatorioanual/?45783/Relatorio-Anual-2014>. Data de acesso: 13 de junho de 2016.

determinar a agenda de discussões públicas, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, agendar assuntos ambientais e o que deve efetivamente ganhar destaque sobre a Amazônia. O potencial de captação de recursos (capital econômico), os conhecimentos sobre a Amazônia (capital intelectual), as relações sociais (capital social) são convertidas em recursos de dominação simbólica. Como explicitado anteriormente, o poder simbólico é uma forma de poder ideológico.

As ONGs não são independentes dos outros grupos de poder, em sua maioria econômicos e políticos. Esses grupos de poder (governo, empresas e ONGs...) também possuem os meios diretos e indiretos para controlar a produção simbólica como também possuem suas próprias estratégias para a fabricação da opinião.

O sentido discursivo denota que as ONGs Transnacionais buscam a legitimidade de suas ações e a conseqüente aceitação social. Isso está nas marcas linguísticas das organizações. O poder das ONGs se aplica ao discurso como prática social, sendo que ajuda a reproduzir conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias sobre a Amazônia.

O discurso tem potencial para influenciar diretamente outros enunciados, posicionamentos e ações por meio da construção simbólica de uma Amazônia imaginada. Como os textos das ONGs podem levar à informação ou confirmação de preconceitos e estereótipos sobre a região, que por sua vez possibilitam levar a construção de outros contextos, entende-se que são capazes de contribuir com a reprodução discursiva da Amazônia.

Garantir que os interlocutores estejam bem informados sobre as questões ambientais da região pode ser uma das melhores maneiras de produzir a hegemonia ideológica que servirá aos interesses simbólicos das ONGs. Ademais, as ONGs têm poder porque ocupam uma posição social marcada por apoio governamental, recursos financeiros internacionais e apoio de parcela da população por meio das ações midiáticas. Nota-se que o discurso delas é marcado por essas demonstrações de poder.

Tal questão nos direciona a outra estratégia de poder utilizada pelas ONGs Transnacionais, em especial pelo Greenpeace, é o *Discurso Denúncia*. Nesses textos, as ONGs denunciam crimes contra a fauna e flora amazônica, crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural, poluição e outros crimes ambientais. Além disso, apontam acusações sobre empresas, administração ambiental e denúncia sobre o favorecimento de políticos. Nas exemplificações expostas nota-se que existem formas discursivas diferenciadas, mas que ambas servem para denunciar um fato ambientalista.

As denúncias buscam levar os crimes ou irregularidades ambientais ao conhecimento público, em especial para os interlocutores. As mensagens denunciativas buscam ainda sensibilizar os seguidores para que tomem alguma atitude. As atualizações desta categoria pretendem convocar, chamar, mobilizar os seguidores em prol de uma ação específica.

Esse tipo de discurso marca a natureza ativista das organizações. É comum, por exemplo, nos sites de mídias sociais encontrar denúncias sobre questões ambientais, de forma que essa categoria consiste também na sensibilização dos interlocutores. Mensagens com

denúncias permitem o acesso a novas informações, a novas discussões e, por isso, auxiliam nas mobilizações.

Dentro de uma perspectiva ampla, pode-se elaborar uma síntese das formas como o Greenpeace e WWF utilizam-se do poder discursivo, ou seja, como o poder é exercido através do discurso como forma de interação social:

- Demonstram um conhecimento sobre a região. Obtém-se uma influência direta sobre os interlocutores quando, por meio de discursos que possuem funções pragmáticas, demonstram conhecer as problemáticas ligadas à Amazônia. Assim, com frequência, esse poder institucional é corroborado pelo discurso científico.
- Projetam informações sobre as questões ambientais da Amazônia. Buscam influenciar as opiniões dos públicos por meio de informações e esclarecimentos. O poder dessas informações sobre a Amazônia é capaz de moldar o consenso, fornecendo condições para uma dominação simbólica.
- Evidenciam as relações com organismos internacionais, órgãos públicos, empresas e demais instituições. Ao destacar as parcerias realizadas busca-se mostrar as redes de poder efetivamente construídas e com as quais se pode ligar, a fim de conseguir efetivar suas intenções.
- Apresentam uma articulação política asseverada pela influência midiática. Baseia-se ainda nos recursos econômicos, políticos e financeiros ou, em geral, institucionais e exerce por meio de mecanismos retóricos.

As ONGs Trans constroem uma Amazônia, buscando conferir a sua visão a legitimidade necessária para continuar realizando suas atividades. Elas, assim como outros agentes que atuam na região, “tentam propor/impôr a sua visão do que seja a verdade da região como sendo a verdade da região. Esse jogo de verdades é parte do jogo de poder que se trava na e sobre ela” (GONÇALVES, 2001, p. 17).

6. Considerações

O posicionamento institucional das ONGs Transnacionais também deve ser percebido como uma questão de caráter simbólico. Os efeitos de sentido dos textos são construídos por enunciações, através de estratégias simbólico-discursivas. Simbolicamente providas, muitas vezes, as ONGs reproduzem um discurso de autoridade, pensamento das classes dominantes, através de conteúdos diversos.

Vale ressaltar que no discurso “a entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político” (ORLANDI, 2009, p. 09). Levando em conta que o poder simbólico é um instrumento de dominação e de comunicação, os textos analisados constroem versões da realidade, de forma alinhada aos seus interesses estratégicos.

O poder simbólico das ONGs Transnacionais Greenpeace e WWF dissemina subjetividades, determina posicionamentos, molda percepções sobre a Amazônia e forja uma visão global. Portanto, é indispensável olharmos para os textos como um palco de disputa de poder simbólico. O campo ambiental é atravessado por sistemas de reprodução simbólica, oriundos de outros campos, como o político, o econômico e o cultural. As ONGs cristalizam essa reprodução simbólica de caráter social em forma de notícias, relatórios e anúncios.

Assevera-se que o discurso das ONGs Transnacionais inclui interesses contraditórios, de entes, instituições e estruturas, mecanismos privados e coletivos, expressões geopolíticas, ideológicas e econômicas. Conforme Baldissera e Kaufmann (2013, p. 65), “se um sujeito dotado de poder simbólico, discursa sobre algo que a alteridade desconhece, ou conhece pouco, é provável que tome o discurso como ‘verdade’, pois quem fala, o diz de um lugar de autoridade”.

Na sociedade atual, globalizada pelas tecnologias, grandes ONGs Transnacionais ocupam posição de destaque na questão ambiental. A forma de influência pode ser muito mais difusa, complexa, global, contraditória, sistemática e quase não percebida pelos envolvidos. Os membros das ONGs podem estar convencidos de que seu discurso apenas busca proteger a Amazônia, mas não se dão conta das consequências simbólicas que podem persuadir, doutrinar ou manipular as pessoas.

As pessoas são influenciadas pelas informações divulgadas sobre a Amazônia pelas ONGs. Mas a sua compreensão dessas informações e a maneira como mudam suas opiniões ou atitudes dependem de suas próprias atitudes ou ideologias prévias, como também das experiências pessoais.

A partir das análises discursivas, nota-se que as ONGs utilizam-se de um poder simbólico a fim de influenciar, persuadir e controlar seus interlocutores. Esse poder simbólico assenta-se na demonstração de outras nuances do poder (político, econômico, financeiro). Então essa forma de poder realmente se torna efetivo por fornecer acesso especial aos meios governamentais.

As ONGs demonstram ter um poder de influenciar diretamente nas questões amazônicas, em especial sobre o desenvolvimento sustentável. As ONGs devem ter um entendimento acerca de quais são as prováveis ou possíveis consequências simbólicas de seus discursos sobre as representações da sustentabilidade amazônica. A utilização do poder simbólico pelas ONGs influencia os diversos interlocutores a adotar ações, medidas a favor de determinada causa.

Essa notoriedade as transforma em referências na questão da sustentabilidade amazônica, evidenciando um processo de empoderamento discursivo. Pode-se verificar isso nos exemplos citados, demonstrando um poder informacional decorrente da “conscientização ambiental” sobre a Floresta Amazônica.

Igualmente, a visibilidade midiática permite a influência sobre as questões amazônicas, formando uma consciência coletiva e, por outro lado, suscita uma autoridade política. Isto significa que o poder simbólico das ONGs é uma forma metamorfoseada, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (político, econômico e social).

Referências

- BALDISSERA, Rudimar; KAUFMANN, Cristine. Comunicação organizacional e sustentabilidade: sobre o modelo instituído no âmbito da organização comunicada. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom)**, São Paulo, ano 10, n. 18, p. 59-70, 2013.
- BECKER, Bertha. K..Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19,n. 53,p. 71-86,2005a.
- BECKER, Bertha. K. Amazônia: Desenvolvimento e Soberania. In: Rezende, F.; Tafner, P..(Org.). Brasil. **O Estado de uma Nação**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005b.
- BENCHIMOL, Samuel. **Desenvolvimento sustentável da Amazônia**: cenários, perspectivas e indicadores. Manaus: Editora Valer e Universidade do Estado Amazonas, 2002.
- BENTES, Rosineide. A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia.**Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 225-240, 2005.
- BOURDIEU, Pierre.**O Poder Simbólico**. Lisboa:Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- BUCLET, Benjamin. Os peritos não governamentais da biodiversidade amazônica e seus financiadores internacionais: uma parceria desigual em torno de interesses comuns. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luis/MA,v. 6, n. 12, 2010.
- COSTA JUNIOR, Pedro Wilson Oliveira da. O local do global: as contribuições sociológicas de Roland Robertson acerca da globalização. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 163-182, 2016.
- DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.) **A ecologia política das grandes ONGs transnacionais conservacionistas**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2008.
- DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- FONSECA, Osório. **Pensando a Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- FREITAS, Marcílio de. **Projeções estéticas da Amazônia**: um “olhar” para o futuro. Manaus: Editora Valer e da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

GREENPEACE (Brasil). **Amazônia, sua linda!** [201-]. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Amazonia-sua-linda/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GREENPEACE (Brasil). **Anúncio publicitário da Campanha Desmatamento Zero, Cortes de Carne**, 2010. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Participe/Divulgue/Midia-Impressa/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

INUI, Raul Eiji. **Sociedade Civil Organizada e impactos no Desenvolvimento Sustentável na Amazônia**: o caso das Transnacionais. Dissertação defendida no Programa de Pós graduação em Ciências do Ambiente da UFAM. Manaus: UFAM, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos.8.ed.São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

PONTES FILHO, R. P.**Logospirataria na Amazônia Legal**. 2016.200 f.Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazônia, Amazônia, 2016.

PÊCHEUX. Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX. M. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

PROCÓPIO, Argemiro. Degradação ambiental e ONGS na Amazônia Continental. In: Meridiano 47. **Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/50924332_Degradacao_ambiental_e_Ongs_na_Amazonia_Continental>. Acesso em: 27/05/2017

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo Análise do Discurso**: linguagem, sociedade e ideologia. Manaus: Editora Valer, 2006.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WWF (Brasil). **Relatório Anual 2014**. 2015. Disponível em:<<http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/relatorioanual/?45783/Relatorio-Anual-2014>>. Acesso em: 13 de jun. 2016.

WWF (Brasil). **5 de setembro:** Dia da Amazônia. [201-]. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/dia_da_amazonia/>. Acesso em: 02 mai. 2016.

WWF (Brasil). **O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia?** [201-]. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/nossas_solucoes_na_amazonia/>. Acesso em: 13 jun. 2016.